

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 21 - Agosto de 2026 - Nº 201

(21) 97246-2213 • jornalabaixoassinado@yahoo.com.br • facebook.com/jaajrj • instagram - @jaajrj

Descaso e Omissão

10 anos sem o Restaurante Popular da Cidade de Deus

Há dez anos, a população da Cidade de Deus está sem o Restaurante Popular, que chegou a servir milhares de refeições por dia pelo preço de R\$ 2.

Enquanto isso, o prédio permanece abandonado e em péssimo estado de conservação, com ferragens expostas, infiltrações e acúmulo de lixo.

Em dezembro de 2025, o então go-

vernador Cláudio Castro prometeu que o restaurante estaria funcionando novamente em fevereiro de 2026. A promessa não foi cumprida.

Dez anos de espera, um prédio abandonado e uma promessa que não saiu do papel. A população da Cidade de Deus continua esperando uma resposta.

Página 3



Ferragens expostas e o povo sem comida barata

EDITORIAL

O mundo não pertence aos Estados Unidos

Contrariando o senhor Donald Trump, o Brasil não pode aceitar que tarifas comerciais sejam acompanhadas de acusações infundadas, ameaças ou tentativas de interferência em assuntos internos do país. O Brasil é uma nação soberana, e suas decisões políticas e eleitorais cabem exclusivamente ao povo brasileiro.

As justificativas apresentadas pelo governo dos Estados Unidos para impor novas tarifas sobre produtos brasileiros são rejeitadas pelo governo brasileiro, que considera as medidas unilaterais, injustificáveis e de caráter político. O conflito comercial envolve investigações conduzidas pelos Estados Unidos e tarifas que atingem fortemente as exportações brasileiras.

O Brasil respondeu às acusações de Washington em diferentes frentes. Sobre o Pix, por exemplo, o governo brasileiro afirma que se trata de uma infraestrutura pública, transparente e administrada pelo Banco Central, disponível a instituições nacionais e estrangeiras. Portanto, não se trata de um mecanismo criado para favorecer empresas brasileiras em detrimento de empresas americanas.

Na questão ambiental, o Brasil também contesta as acusações. O governo apresentou dados oficiais que apontam redução do desmatamento em importantes biomas brasileiros, defendendo que a realidade ambiental do país não pode ser utilizada de maneira seletiva para justificar barreiras comerciais.

Em relação ao trabalho análogo à escravidão, o governo brasileiro rejeita a acusação de falta de fiscalização e considera inadequado utilizar uma questão tão grave de direitos humanos como justificativa para medidas de natureza comercial e protecionista.

Também estão em discussão as regras brasileiras para as redes sociais e as decisões do Supremo Tribunal Federal. Nesse ponto, é fundamental lembrar que o Brasil possui suas próprias leis, Constituição e instituições. Discordâncias de governos estrangeiros não lhes dão o direito de determinar como essas normas devem ser aplicadas dentro do território brasileiro.

O Brasil deve defender seus interesses com firmeza, diálogo e respeito ao direito internacional. Também deve estar preparado para adotar medidas de defesa de sua economia quando necessário. Mas, acima de tudo, precisa preservar sua autonomia política.

Quem manda no Brasil são os brasileiros. O governo brasileiro é escolhido pelo voto popular, e nenhuma potência estrangeira pode pretender escolher nosso presidente, interferir em nossas eleições ou ditar os rumos de nossa democracia. Hoje, o nosso presidente é Luiz Inácio Lula da Silva – e deve ser respeitado.

O mundo não pertence aos Estados Unidos. Respeitar a soberania brasileira é condição básica para qualquer relação entre países. **O diálogo, sim. A pressão e a interferência, não.**



Página 5

A arte e o talento de Watusi Oliveira

Página 6



História da Região

- Quanto custou a Fazenda da Baronesa da Taquara
- Rio das Pedras: seu povo é luta e resistência
- Argentinos x Ingleses
- Você conhece a história de Jacarepaguá

Páginas 7 e 8



Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta

**“Começou a circular o
Expresso 2222
da Central do Brasil
que parte direto de
Bonsucesso
pra depois do ano 2000...”**

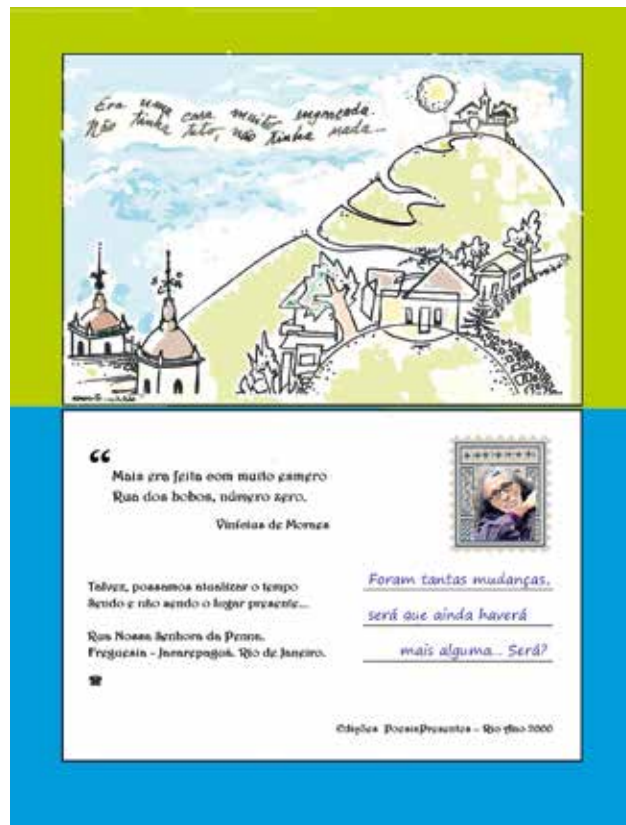
Era como se a música do Gil brotasse em mim, com a força expressa de mudança, às antevésperas do final do milênio. E a oportunidade surgiu do chão, pelo desafio de desenhar a planta da casa e construí-la em seguida. Terreno alto, na rua de calçamento “pé-de-moleque” subindo histórica, entre a Igreja do Loreto e a Igreja da Penna, ambas em graça de Nossa Senhora, há mais de três séculos encravadas na Pedra do Galo, donde se avista o maciço da Tijuca e, lá no pico, a esplêndida visão do mar.

Num recorte do morro, fiz subir minha casa, engastada com materiais garimpados de demolições, telhado de duas águas, o alpendre na fachada para ver o sol nascer e o luar, encher de graça como uma casa da roça. Como num sonho meu e

as lembranças de infância de mãe... Nessa moradia, juntou-se a nós o cão Moleque; Leo e Lua, os gatos, para espanto e revoada dos pássaros, que por lá habitavam.

Pelas mãos de Dona Jô, aflo-rou o jardim agreste, as frutíferas sementeiras cresceram ao compasso das estações, um gosto à parte, pelas antigas bananeiras em pencas, e suas bananas repartidas com os vizinhos, outras tantas maduras, com natural doçura, ferviam no tacho de cobre em fogo de lenha, no quintal.

No verão, nem tudo era fatura. A Companhia de Águas não reconhecia nossas bicas. Por anos fomos providos pelas mangueiras d'água da vizinhança. Numa carta-dossiê enumerei os anos de secura e as agruras do reuso dos baldes d'água, e a lista de protocolos ignorando a solução para o problema. A carta foi entregue à mãe do presidente da Companhia de Águas, por um amigo em comum; quem diria, que num passeio à Casa da Flor, em São Pedra da Aldeia, eu confrontaria o “filho presidente”. Apresentei-me e ele retrucou: “É você que toma banho em pé na



bacia e aproveita a água para limpeza do chão?” Sim, a carta chegou ao seu destino, foi lida e, após duas semanas, as águas compareceram às bicas de casa. O jardim

floriu! A casa foi um espaço de arte e encontros festivos, leituras, literaturas e oficina de arte.

Num tempo outro, na minguate, a nossa gata se foi. Um céu escuro e ventos fortes anunciavam um turbilhão e virada do tempo... No entanto, havia ali uma árvore serena sob a tempestade... Sonhei eu... Então aconteceu a inesperada decisão de mudar de casa, o diagnóstico que mãe recebeu nos acompanhou, também um medo infiltrado por entre as caixas da mudança. Fomos morar, pela primeira vez, num apartamento, numa rua baixa, perto da casa que ficou vazia, lá no alto. Um, dois, três... sete anos depois, decidimos arrumar a casa e voltar. Moleque, o nosso cachorro, seguiu conosco, mas logo se foi... Um ano depois, ao lado do leito de mãe, seus olhos comunicantes, não me buscaram... sua tênue respiração fugia e ela também se foi... Meses depois! Meu irmão a seguiu...

Um enorme sentimento de solidão fez crescer a casa e a envelhecer dentro comigo.



**RPC
Editora**

Retire da gaveta seus manuscritos e faça seu livro com a RPC Editora.

RPC é uma editora construída para publicação do Jornal Abaixo-Assinado e de livros com preços especiais e, até mesmo, com pequena tiragem.

Nossa proposta é oferecer um serviço BBB- bom, bonito e barato – para que você possa publicar o seu livro.

A RPC oferece ainda serviços como revisão ortográfica, diagramação, prepara os materiais de capa e miolo

sempre em linha com os desejos e objetivos do autor e sua obra. Registramos o ISBN, Código de Barra e Ficha Catalográfica.

Podemos fazer livros em qualquer formato, acabamento ou tipo de papel. Seu livro é publicado em tempo recorde: 80 dias.

Uma oportunidade única para autores que possuem recursos limitados, mas sonham publicar um livro com alta qualidade.

Livros já publicados pela RPC Editora:

- * "O PROEJA NO COLÉGIO PEDRO II: FORMAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DOCENTE EM QUESTÃO"
- * "POLÍTICAS PÚBLICAS DE QUALIFI-

Nós Realizamos Sonhos

A RPC Editora voltou

CAÇÃO PROFISSIONAL & EJA: DILEMAS E PERSPECTIVAS"

- * "POLICIAL PASCOAL E SUAS HISTÓRIAS"
- * "VEREDAS DE VIRGOLINO"
- * "MANDAMENTOS – POESIA LIVRE"
- * "SALVE A NATUREZA"
- * "BRUMADINHO – DESCASO, TRAGÉDIA E CRIMES...HOJE"
- * "CARTA AO PLANETA"
- * "REFLEXÕES DA NATY"
- * "CORDEL: LITERATURA BENEFICIADA"
- * "CAMINHOS DE UMA HISTÓRIA"
- * "SÉRIE CORDEL ENCARNADO – ZEZITA MATOS"
- * ZEZITA MATOS - A OUTRA MÃE DE DOMINGOS MONTAGNER
- * POR CAUSA DO PRECONCEITO: LITE-

RATURA DE CORDEL – 32 ESTROFES EM SETILHAS

Nós Transformamos Sonho em Livro

Todos os livros publicados pela RPC Editora são divulgados e seus autores entrevistados no Jornal Abaixo-Assinado e tem ampla divulgação em todas as mídias sociais da RPC – Rede Popular de Comunicação.

Solicite um orçamento

Contato:

whatsApp (21) 97246-2213

E-mail:

jornalabaixoassinado@yahoo.com.br

EXPEDIENTE

JORNAL ABAIXO ASSINADO
JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping
CNPJ 31.555.759/0001-64.

Críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br Tel (21) 97246-2213

Conselho Editorial: Almir Paulo, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Dona Jane, Dona Penha, Douglas Aguiar (Em Memória), Humberto Peixoto, Ivan Lima, Jane Nascimento, João Magalhães, Luiz Claudio, Manoel Meirelles (Em Memória), Maraci Soares, Marcus

Aguiar, Pablo das Oliveiras, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberta Azevedo, Roberto Senna (Cabral) (Em Memória), Severino Honorato, Sílvia da Costa, Val Costa, Valmíria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.
**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

Coordenação Geral: Almir Paulo, Maraci Soares, Sílvia Costa e Val Costa.
Diagramação e Arte: Jane Fonseca.
Gestora de Redes Sociais: Sílvia da Costa.
Revisão: Vânia Santiago.



Felipe Lucena
Jornalista
e roteirista

É PURO DESCASO

Restaurante Popular da Cidade de Deus: 10 anos fechado

Fechado há 10 anos, restaurante popular da Cidade de Deus está com ferragens expostas, infiltrações e muito lixo

Abandonado, o local, que servia milhares de refeições por dia a R\$ 2, já foi invadido e atualmente está em péssimo estado de conservação

Em novembro de 2016, o Restaurante Popular da Cidade de Deus foi fechado. Nessas quase 10 anos o local, que servia milhares de refeições por dia a R\$ 2, já foi invadido por usuários de drogas e atualmente está com ferragens expostas, infiltrações, acúmulo de lixo e paredes caindo.

Aberto no dia 15 de agosto de 2011, o local fazia parte do programa estadual Restaurante Popular, anteriormente chamado



Fotos: Felipe Lucena

de Restaurante Cidadão, criado pelo ex-governador Anthony Garotinho.

À época, o restaurante da Cidade de Deus encerrou as atividades junto com as



unidades do Méier e da Central. Eles já haviam sido fechados pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro em julho do mesmo ano de 2016.

A unidade da Central, batizada de Restaurante Cidadão Betinho, voltou a funcionar. A do Méier, não.

Até o ano de 2016, no município do Rio de Janeiro funcionavam 8 restaurantes

populares. Contudo, o Governo do Estado parou de pagar os fornecedores, o que provocou o fechamento de unidades. Com o início do processo de municipalização dos restaurantes, a Prefeitura da cidade do Rio garantiu o funcionamento dos de Bangu, Bonsucesso e Campo Grande. Somente esses três, junto com o da Central, estão abertos atualmente.

Após o fechamento da unidade da Cidade de Deus, algumas promessas de reabertura foram feitas. A última delas foi do Governo Estadual. “Disseram em dezembro de 2025 que em fevereiro de 2026 estaria funcionando. Já estamos em julho e até agora, nada”, disse o morador Francisco Filho Chiquinho.

“Outros restaurantes populares foram reabertos e o da Cidade de Deus, não. Já fizemos contato com autoridades, mas nada foi resolvido”, finalizou Francisco Filho Chiquinho.

A cidade do Rio também tinha restaurantes populares nos bairros de Madureira, Irajá e Maracanã



“Uma política de segurança democrática tem como princípio a proteção da vida de todos”
Almir Paulo

O coletivo do Jornal Abaixo-Assinado apresentou para o debate e reflexão dos participantes do III Fórum Popular da Baixada de Jacarepaguá, realizado dia 15 de agosto, um documento com Sete Eixos Estratégicos calcada na filosofia e visão de uma política de segurança democrática tendo como princípio a proteção da vida de todos. Uma ideia organizada em sete pontos, articulando direitos humanos, prevenção da violência, participação popular e valorização da vida.

Sete pontos para uma política de segurança democrática na Baixada de Jacarepaguá

Uma política de segurança democrática deve ter como princípio fundamental a **proteção da vida de todas e todos**, enfrentando a violência sem transformar territórios populares em espaços de exceção. Para isso, o Fórum Popular da Baixada de Jacarepaguá propõe sete diretrizes:

- 1. Proteção da vida e respeito aos direitos humanos** - Toda política de segurança deve colocar a vida humana acima da lógica do confronto. É necessário combater balas perdidas, execuções, desaparecimentos, tortura e qualquer forma de violência ilegal, garantindo que a população possa viver com segurança e dignidade.
- 2. Prevenção da violência e enfrentamento de suas causas sociais** - Segurança pública não se faz apenas com policiamento. É preciso investir em educação, saúde, cultura, esporte, emprego, renda, moradia e urbanização, especialmente nas áreas historicamente abandonadas pelo poder público. Prevenir a violência significa enfrentar as desigualdades que produzem vulnerabilidade e exclusão.
- 3. Segurança pública com participação popular** - Quem vive diariamente nos territórios deve participar da construção das políticas de

segurança. É necessário fortalecer fóruns comunitários, conselhos, associações de moradores e outras formas de organização popular, garantindo canais permanentes de diálogo entre população e poder público.

- 4. Policiamento democrático, comunitário e submetido ao controle público** - A atuação das forças de segurança deve respeitar a legalidade, os direitos fundamentais e os princípios democráticos. É necessário fortalecer a formação dos profissionais, valorizar os trabalhadores da segurança pública e criar mecanismos efetivos de fiscalização, transparência, responsabilização e combate aos abusos.
- 5. Investigação, justiça e combate às estrutu-**


ras que lucram com a violência - Uma política de segurança democrática deve enfrentar o crime organizado, as milícias, a corrupção e as redes econômicas que se beneficiam da violência. Isso exige investigação qualificada, inteligência, integração entre instituições e responsabilização dos verdadeiros responsáveis, sem criminalizar a pobreza ou os territórios popula-

res.

- 6. Proteção especial para crianças, adolescentes, jovens e grupos vulnerabilizados** - É preciso garantir que crianças, adolescentes e jovens tenham o direito de circular, estudar, trabalhar, brincar e construir seus projetos de vida sem serem vítimas da violência ou da cri-

minalização. As políticas públicas devem priorizar também mulheres, população negra, idosos, pessoas com deficiência e demais grupos expostos a situações de maior vulnerabilidade.

- 7. Um projeto de território baseado na paz e na justiça social** - A Baixada de Jacarepaguá e o Rio de Janeiro não querem ser conhecidos pela violência. Querem ser reconhecidos pela paz, pela dignidade e pela qualidade de vida. Para isso, é necessário construir um projeto permanente de desenvolvimento social, participação democrática e garantia de direitos, rompendo com a política do medo e afirmando uma política da vida.

Esse documento será finalizado numa reunião ampliada do Fórum Popular com a participação dos movimentos sociais no dia 17 de outubro de 2026,

Defender os direitos humanos é defender o direito de toda a população à segurança, à liberdade e à vida. Essa transformação só será possível com participação popular, democracia e coragem para enfrentar os interesses que lucram com a violência. Uma política de segurança democrática não escolhe quais vidas proteger: protege todas.



Juçara Braga - Jornalista

Aqui está o número do meu pix

A moça dirigia seu carro no centro de Juiz de Fora (MG). De repente, bem na esquina das ruas Santo Antônio com Halfed, uma fumaça esquisita começa a sair pelas frestas do capô. A moça olha, duvida do que vê, mas a realidade se impõe na fumaça que só aumenta.

A moça para o carro, desce assustada como pede a situação, um rapaz vem ajudar, sugere empurrarem o carro para uma via lateral. Assim é feito. O rapaz diz que conhece um mecânico, mas daí chega um outro homem que diz entender do negócio, abre o capô e dá o diagnóstico, o radiador está em petição de miséria, uma água marrom.

O primeiro sujeito se despede depois de receber os agradecimentos de praxe e a moça, voltando a respirar com normalidade – afinal, o carro não pegou fogo – lembra que tem seguro. Ah! Que maravilha! A memória depois dos 60 – a moça tem mais de 60 – prega peças.

Restaurada a memória, a moça liga

para o corretor de seguros que se prontifica a tomar as providências para tirar a cliente daquele apuro. Mandará um guincho pra resgatar o carro e um táxi pra resgatar a cliente.

Nesse meio tempo, entre a aflição e o espanto ou entre o espanto e a aflição – nesse caso, a ordem dos fatores altera o relato, o espanto vem primeiro – chega mais uma alma caridosa, na figura de outra mulher, que sugere a colocação do triângulo para evitar multas porque, afinal, é proibido estacionar naquele lugar.

A moça, já na fase de relaxamento, pede ao cidadão que entende de mecânica e lá está solícito que pegue o triângulo e o coloque na via. Ele o faz e vai além, sai pelos arredores e traz uma pedra, como a confirmar que ali está um carro avariado.

Ao fim e ao cabo diz lá o prestativo cidadão, “Madame, se a senhora achar que a minha ajuda merece, aqui está o número do meu pix”.



Tá na hora de gritar: Ciamp Rua, Já!

Quem vive nas ruas tem direitos, dignidade, voz e o direito de participar das decisões que afetam a própria vida.

O Decreto nº 7.053/2009, que instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua, prevê o CIAMP Rua como espaço de diálogo, participação e acompanhamento dessa política pública, reunindo poder público e sociedade civil.

No Rio de Janeiro, porém, esse espaço ainda precisa sair do papel.

Não basta criar políticas para a população em situação de rua. É preciso construir essas políticas com quem vive essa realidade.

Sem participação social, não há controle social. E sem controle social, direitos podem ser ignorados, políticas podem perder efetividade e decisões podem continuar sendo tomadas sem ouvir quem mais será afetado por elas.

Por isso, o Fórum Permanente de Defesa dos Direitos da População em Situação de Rua do Rio de Janeiro defende a instalação do CIAMP Rua, já!

É hora de transformar o que está previsto em lei em participação efetiva. É hora de fortalecer a democracia e garantir que as pessoas em situação de rua sejam ouvidas, respeitadas e reconhecidas como sujeitos de direitos.

Quem vive nas ruas é cidadão.

Não fale de nós sem nós!

CIAMP Rua, já!



Há 21 anos, nós escrevemos sobre pessoas que defendem ativamente uma causa

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA

Seja assinante do jornal das lutas comunitárias e da cultura popular
www.catarse.me/jaajrj



Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht: 70 anos de história e contribuição para a educação pública

*Pesquisa e texto de

Maraci Soares & Humberto Peixoto

O Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht (CEBS), localizado na Rua dos Prazeres, nº 71, no bairro da Taquara, em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro, possui uma trajetória de grande importância para a educação pública carioca. A história da instituição teve início em **4 de agosto de 1956**, com a inauguração do Ginásio Público Brigadeiro Schorcht.

O nome da escola homenageia o Brigadeiro Antonio Augusto Schorcht, pioneiro da aviação naval brasileira. Segundo a memória institucional, Schorcht doou o terreno onde a escola foi construída, razão pela qual recebeu a homenagem como patrono. Ele faleceu em 1954, dois anos antes da inauguração da instituição.

Um dos capítulos mais marcantes da história do colégio está relacionado à atuação da professora Henriette Amado, que chegou à escola em 1957 para lecionar Latim e, posteriormente, exerceu a direção entre 1959 e 1964. Sua gestão ficou marcada por propostas pedagógicas inovadoras para a época, valorizando a participação dos estudantes, dos professores e das famílias. O CEBS tornou-se, assim, um espaço de experimentação e renovação educacional.

Durante sua trajetória, o Brigadeiro Schorcht também se destacou pela qualidade de seu corpo docente e pela preocupação com a preparação dos estudantes para o ensino superior. No final da década de 1960, por iniciativa de alunos e professores, surgiu uma experiência de preparação para o vestibular, utilizando a experiência de professores reconhecidos que também atuavam em cursos preparatórios da cidade. Essa iniciativa contribuiu para fortalecer a ideia de que os estudantes da escola pública também deveriam ter acesso às universidades.

A importância do CEBS para a educa-



ção pública vai além da preparação acadêmica. Ao longo das décadas, a escola tornou-se parte da memória social e educacional da Taquara e de Jacarepaguá, formando sucessivas gerações de estudantes. Registros históricos e pesquisas acadêmicas destacam a escola como espaço de experiências pedagógicas, culturais e de formação intelectual e cidadã.

Em períodos mais recentes, o colégio também desenvolveu projetos voltados para uma educação mais integrada à comunidade e às questões sociais e ambientais.

Um exemplo é a parceria com a **Fiocruz**, que possibilitou a criação de uma horta orgânica na escola e a realização de atividades relacionadas à alimentação saudável, agricultura urbana e educação ambiental.

Outro aspecto importante é a relação da escola com a comunidade. Ao longo de sua existência, o Brigadeiro Schorcht não foi apenas um local de transmissão de conhecimentos, mas também um espaço de convivência, cultura, esporte, participação social e construção de memórias. Há registros de atividades culturais, musicais e esportivas

envolvendo estudantes e ex-alunos, demonstrando a dimensão comunitária da instituição.

Assim, ao completar **70 anos em 2026**, o Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht representa uma parcela significativa da história da educação pública na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sua trajetória demonstra a importância de uma escola pública comprometida não somente com o ensino, mas também com a formação humana, cultural, crítica e cidadã de seus estudantes.

Celebrar os 70 anos do Brigadeiro Schorcht é, portanto, celebrar **professores, funcionários, estudantes, ex-alunos, famílias e toda a comunidade escolar** que ajudaram a construir essa história. É reconhecer o passado, valorizar as conquistas do presente e reafirmar a importância da escola pública como instrumento de transformação social e de democratização do acesso ao conhecimento e às oportunidades.

Também merece destaque a atuação do **professor Bruno Siqueira, à frente da direção do Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht desde 2025**. Sua gestão vem se caracterizando pelo compromisso com a qualidade da educação pública, pela valorização da comunidade escolar, a integração com os movimentos sociais da região e pelo empenho na preservação e renovação da identidade histórica da instituição. Sua atuação representa a continuidade de uma tradição de gestores e educadores que, ao longo das décadas, contribuíram para fazer do Brigadeiro Schorcht uma referência educacional na Taquara e em Jacarepaguá.

Setenta anos depois de sua inauguração, o Brigadeiro Schorcht continua sendo parte viva da história da Taquara e da educação pública do Rio de Janeiro.

*Participantes do Conselho Editorial do JAAJ



Vaneide Carmo

Você sabia que cães também podem ter **pedras na urina**?

Os cálculos urinários, conhecidos como “pedras”, costumam aparecer principalmente na **bexiga e na uretra**. Pedras nos rins são menos comuns.

Como essas pedras se formam?

A pedra começa a se formar quando aparecem pequenos **cristais na urina**.

Cálculos urinários em cães

Com o tempo, esses cristais podem se juntar e formar uma pedra.

Alguns cães já têm uma **tendência natural** a desenvolver esse problema. Outros fatores também podem aumentar o risco, como:

- Infecção urinária;
- Alimentação inadequada;
- Falta de alguns nutrientes;
- Segurar a urina por muito tempo.

Por isso, se o seu cachorro faz xixi somente na rua, é importante **levá-lo para urinar pelo menos 3 vezes ao dia**. Ficar muitas horas segurando a urina pode fa-

vorecer problemas urinários.

Quais cães podem ter?

Os cálculos aparecem com mais frequência em cães entre **1 e 6 anos de idade** e são mais comuns nos machos.

Fique atento aos sinais

Seu cachorro pode apresentar um ou vários destes sinais:

- Sangue no xixi;
- Dificuldade ou dor para fazer xixi;
- Xixi saindo apenas em gotas;
- Tentar fazer xixi e não conseguir;
- Barriga dolorida;
- Ficar quieto, sem disposição;

- Perder o apetite.

Atenção: se o cachorro tenta fazer xixi e não consegue, procure um veterinário o mais rápido possível. A bexiga pode ficar muito cheia, causando bastante dor e podendo colocar a vida do animal em risco.

Não deixe a saúde do seu melhor amigo para depois. **Leve seu pet regularmente ao veterinário** para avaliação e cuide sempre da alimentação, da água e da rotina de xixi.

♥ **Cuidar Também É Amar. Eles Merecem!**



Cíntia Travassos
Produtora

Watusi Oliveira:

empresária carioca que uniu teatro, literatura e saúde mental

Watusi Oliveira é carioca, nascida em Marechal Hermes e moradora de Curicica. A artista e empresária de 49 anos é casada e mãe de duas filhas. Sua trajetória artística como cantora e atriz começou após os 40 anos e, hoje, funde-se à sua atuação no ramo empresarial.

Para ela, a cena teatral e o mercado editorial são dois lados do mesmo palco, nutridos pelo poder transformador da história humana. Oliveira é proprietária do Grupo Tribu Editora, Cultura e Arte, criado para dar forma física e voz coletiva às vivências. Com foco em obras literário-emocionais de ficção e não ficção, a empresa une a beleza da escrita ao aprofundamento terapêutico, ajudando leitores a compreenderem suas emoções.

Watusi Oliveira, antes disso, dedicou-se por mais de 15 anos à área comercial, como vendedora terceirizada em grandes empresas. Na pandemia, viveu sua grande virada de chave: retomou a revisão e edição de textos, obteve seu registro profissional de atriz (DRT) e, impulsionada por uma inquieta-



Foto: Nathália Corrêa

Atriz Watusi Oliveira em cena cantando e encantando no espetáculo *Rosas Negras*

ção interna, fundou sua própria editora. Graduada em Letras desde 2009 e pós-graduada em Teatro, Expressividade e Dinamismo, ela utiliza sua formação acadêmica como um laboratório vivo das emoções.

Na Tribu, exerce a curadoria da memória, com foco em histórias reais, saúde mental e impacto social. No palco, participou de musicais de destaque, celebrando a identi-

dade e o resgate histórico. Essa mesma força impulsiona a diretriz do Afrofuturismo Prático e o combate ao silenciamento histórico em sua editora, que deu voz ao livro *A mente por trás do empreendedorismo negro*.

Oliveira tem belos sonhos. E o maior deles é ver a Tribu Editora contribuir, em escala mundial, para a transformação e o desenvolvimento pessoal de autores e leitores,

promovendo a evolução do ser humano. Os próximos lançamentos da editora são: *Humanização para equipes de saúde – Quem é o cliente?* de autoria de Patrícia Mateus Forjan; *E você não é problema – Resignificar*, de Patrícia Zanotti.

Para conhecer mais sobre o trabalho de Watusi Oliveira, basta acessar: @grupotribueditora e @watusioliverira.

Festival do Livro do Rio de Janeiro

O 5º Festival do Livro do Rio de Janeiro (FLIV-Rio 2026) acontecerá nos dias 27, 28 e 29 de agosto de 2026, na sede do Sinttel-Rio, localizada no bairro do Maracanã.

“Agora, em 2026, completamos cinco anos e voltamos ao Festival do Livro numa conjuntura que se mantém complexa. Temos mais uma eleição difícil pela frente e seguimos sentindo urgência em compartilhar nossas angústias, percepções, mas, principalmente, esperanças.”

O FLIV-Rio 2026 propõe fazer uma reflexão sobre a conjuntura nacional e as eleições, mas rodeados de livros, ouvindo pessoas que têm o que dizer e ainda fortalecendo editoras independentes e levando obras com desconto para casa. Afinal, temos muito o que pensar. Nosso mote, num momento em que os reacionários querem entregar o Brasil aos Estados Unidos, é: “Soberania não se negocia.” Nossa determinação de seguir em frente também é inegociável.

O evento é uma oportunidade para: descobrir novos livros; conversar com autores(as); participar de debates e rodas de conversa; conhecer editoras independentes; aproveitar descontos especiais; assistir a apresentações de teatro; participar de cine-debates; curtir boa música.

E o melhor: encontrar pessoas, trocar ideias e criar conexões. Não podia ser diferente. Tudo começou em 2022. Era ano de

eleições presidenciais e o nosso Festival nasceu da necessidade de pensar coletivamente sobre os caminhos possíveis para libertar o Brasil da extrema direita. Felizmente, começamos com vitória.

Nos últimos anos, os desafios não foram menores. E o FLIV-Rio se consolidou como um espaço para discutir os grandes temas nacionais, e até internacionais, refletidos por convidados(as) incríveis, plateias participativas e publicações que aprofundam as análises por meio das lentes progressistas.

📅 **Datas:** 27, 28 e 29 de agosto de 2026

📍 **Local:** Sede do Sinttel-Rio

📍 **Endereço:** Rua Morais e Silva, 94 – Maracanã, Rio de Janeiro – RJ

🎟️ **Entrada:** Gratuita.



Muita cultura, debates e comida boa: isso é o 5º Festival do Livro

- **Literatura:** Lançamentos de livros, contato com editoras independentes e descontos especiais.
- **Interação:** Rodas de conversa, debates e encontros com autores e pensadores.
- **Concurso Cultural:** Integração com o projeto *III Ler para Crer*, voltado para a interpretação criativa de obras por estudantes do Ensino Médio.
- **Entretenimento:** Apresentações de teatro, shows de música e exibição de cinema com cine-debate.
- **Espaço Infantil:** Área lúdica com oficinas de origami, recreação e publicações voltadas para crianças.
- **Gastronomia:** Cardápio especial preparado pelo bar Borogodó durante os dias de festival.



Concurso Ler para Crer

O concurso **Ler para Crer** é para alunos(as) do Ensino Médio/Técnico mostrarem criatividade e paixão por livros. Para participar, o(a) estudante deve escolher um dos livros indicados pelo festival, obras clássicas e também recentes de autores e autoras reconhecidos no mundo da literatura.

- Cada inscrito ou grupo de inscritos fará uma apresentação pública de até 5 minutos do conteúdo da obra.
- Vale música, poesia, dança, monólogo ou qualquer outra forma de expressão artística.
- Uma banca de professores classificará as apresentações.
- Os três primeiros colocados receberão um prêmio em dinheiro – 1º colocado, R\$ 1.000,00; 2º colocado, R\$ 600,00; e 3º colocado, R\$ 400,00.

Vem pro LER PARA CRED!

As inscrições devem ser feitas até o dia 22 de agosto, pelo e-mail: flivrio@sinttelrio.org.br. Basta informar:

- Nome completo
- Escola
- Série (1º, 2º, 3º)
- Gênero
- Idade
- E-mail
- WhatsApp
- Instagram (opcional)
- Obra escolhida.

As inscrições para participarem do Ler para Crer é até o dia 22/8




Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Val Costa — Pesquisador do IHBAJA e professor de História e Geografia

Você realmente conhece a história de Jacarepaguá?

No próximo dia 9 de setembro, Jacarepaguá comemorará 432 anos. Os primeiros registros escritos sobre a história da região estão ligados à invasão francesa ao Rio de Janeiro. Em 1º de março de 1565, o sobrinho do governador-geral Mem de Sá (1504-1572), Estácio de Sá (1520-1567), “lançou os fundamentos” de uma povoação que recebeu o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro. A cidade foi criada com o objetivo de consolidar a presença lusitana na Guanabara, servindo como base para os contra-ataques portugueses. Em uma das investidas francesas, Estácio de Sá foi ferido por uma flechada no rosto, morrendo pouco tempo depois.

Mem de Sá, após expulsar os franceses e antes de retornar para Salvador, então capital da colônia portuguesa, decidiu nomear seu outro sobrinho, Salvador Correia de Sá (1547-1631), governador do Rio de Janeiro. Em 1567, Salvador Correia de Sá doou sesmarias na região da Baixada de Jacarepaguá a dois portugueses que combateram os franceses: Jerônimo Fernandes e Julião Rangel de Macedo. Entretanto, passados 27 anos, esses portugueses não haviam desenvolvido nenhuma atividade econômica nessas terras. Por esse motivo, os filhos de Salvador Correia de Sá — Gonçalo Correia de Sá e Martim Correia de Sá — fizeram uma petição ao pai com o objetivo de obter a concessão dessa área. A carta de sesmaria que Salvador usou para doar as terras foi emitida no dia 9 de setembro de 1594 pelo tabelião da cidade.

A história de Jacarepaguá é frequentemente alvo de mitos e desinformações replicados em redes sociais. Pesquisadores do Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá (IHBAJA) atuam constantemente para desmistificar esses boatos sobre o passado colonial e imperial da região.

Veja abaixo alguns mitos e verdades históricas sobre Jacarepaguá.


Coreto - Praça Seca

1. Mentira: O bairro do Tanque abrigava as lavanderias da Corte Imperial.

Verdade: A Corte Imperial residia no Paço de São Cristóvão (Quinta da Boa Vista). Não faria nenhum sentido logístico transportar toneladas de roupas por caminhos precários e perigosos até o chamado "Sertão Carioca" apenas para lavagem. O nome do bairro originou-se em 1875, devido a um grande reservatório de água instalado para abastecer os cavalos e muas que puxavam os bondes e carroças da região.

2. Mentira: Uma lenda local afirma que o primeiro registro de alforria de uma pessoa escravizada no Brasil Colonial ocorreu em 1661, no topo da Pedra do Galo, onde posteriormente seria construída a Igreja de Nossa Senhora da Penna.

Verdade: Registros formais de alforria já ocorriam regularmente em cartórios e testamentos por todo o território colonial desde o século XVI, muito antes da construção da ermida no topo do penhasco.

3. Mentira: A Vila Valqueire chamava-se, originalmente, de Vila de "Valqueires".

Verdade: Em meados do século XVIII, o dono das terras onde hoje está o bairro da Vila Valqueire era Antônio Fernandes Val-


Igreja de Nossa Senhora da Penna

Praça Saiqui, Vila Valqueire, que na família linguística Tupi-Guarani significa "olhos lacrimejantes".

queire. Naquela época, os moradores do local se referiam ao povoado como sendo a "Vila do Valqueire".

4. Mentira: O bairro da Praça Seca tem esse nome em decorrência da constante falta d'água na região.

Verdade: O nome original da localidade era Largo do Visconde de Asseca, que homenageava Martim Correia de Sá (1698 - 1777), o 4º Visconde de Asseca.

Siga as redes sociais do IHBAJA

<https://www.facebook.com/ihbaja/>

<https://www.instagram.com/ihbaja/>

Ivan Lima - Colunista

Quanto custou: uma pergunta sem resposta até agora!

A Prefeitura do Rio adquiriu em 2026 a Fazenda da Baronesa da Taquara, na Estrada Rodrigues Caldas, para criar o Parque Taquara Fazenda Baronesa. O termo de aquisição foi assinado em 31 de janeiro de 2026.

Mas há um ponto importante: nas fontes oficiais da nossa pesquisa, a Prefeitura não informa claramente o valor pago pela compra da propriedade. A notícia oficial fala da aquisição, dos herdeiros e do futuro par-

que, mas não apresenta o preço da transação.

O que já aparece separadamente é que a Prefeitura prevê R\$ 3.099.620,98 para a contratação dos projetos de implantação, restauração, arquitetura, urbanismo e engenharia do futuro parque — esse valor não é o preço da Fazenda.

A Fazenda é aquela propriedade histórica da Taquara que abriga a Casa Grande e a Capela de Nossa Senhora dos Remédios, com origem no século XVIII e tombamento pelo patrimônio histórico.





Leonardo Soares dos Santos
Professor de História da UFF
e pesquisador do IHBAJA

O Povo de Rio das Pedras: identidade forjada na luta

A primeira onda de crescimento urbano e populacional de Rio das Pedras começa a ser efetivado alguns anos antes dos anos 1960. Pelas notícias de jornais de época e pelo depoimento de alguns moradores, ele se situa na segunda metade dos anos 1940.

Não parece, com base no uso das mesmas fontes, que a expansão de Rio das Pedras tenha sido resultado do crescimento de Rio das Pedras. Pelo menos no seu início - anos 1940 e 1950 - ele parece ter sido fruto de processo bem mais amplo, que tinha a ver com o incremento demográfico e de estruturas urbanas e comerciais da baixada de Jacarepaguá como um todo.

No caso específico de Rio das Pedras, por questões que ainda merecem aprofundamento, mas que parecem estar ligadas a fatores geográficos (presenças de rios, lagoas, exuberante mata atlântica, entre outros elementos), e que passaram a interessar pessoas (físicas e jurídicas) de grande poder aquisitivo (como o empresário Alberto Monteiro da Silva e companhias imobiliárias), o território foi se tornando cada vez mais atrativo para investimentos.

Ao mesmo tempo, o território atraiu a ocupação de milhares de pessoas humildes, muitas delas que buscavam tra-

balho no próprio local (inclusive agrícola, por meio do cultivo de legumes, verduras e frutas).

Rio das Pedras, portanto, era uma terra promissora para diversos grupos sociais, que iam ali se estabelecendo e convivendo, cada qual com seus objetivos.

A partir dos anos 19060, uma das companhias imobiliárias, querendo gerar dividendos com base na especulação da área, passa a tentar o despejo de pequenos lavradores que ali se estabeleciam. A primeira tentativa de despejo se daria em 1966. Mas os moradores resistiram de forma obstinada. Organizaram comissões, buscaram estabelecer pontes com o poder público, contactaram advogados influentes, visitaram redações de jornais com suas denúncias, e tudo isso em meio a ditadura militar.

Eles e elas não se dobraram, apesar de lutarem num contexto tão desfavorável. E assim, após a organização de uma manifestação de protesto, realizada em frente à residência do então governador do estado da Guanabara Negrão de Lima, em plena madrugada, os moradores obtiveram a suspensão da ordem de despejo.

Sim, essa foi outra estratégia adota-



Rio das Pedras

da pelos moradores: a realização de pressão das autoridades públicas por meio da ação direta.

Notícias dão conta de que perto de 200 moradores teriam se deslocado para o bairro da Lagoa em 21 de junho de 1966. E o governador não só cumpriu com a palavra – a ordem de despejo foi suspensa, como acionou vários secretários e técnicos das várias pastas da sua administração

para organizar estudos sobre a localidade.

Eis como foi então se formando a “comunidade” de Rio das Pedras, pela luta e na luta. A identidade com o território se deu num intenso processo de resistência, e que prosseguiria nas décadas seguintes. Identidade essa cujo conteúdo passava pela ideia de que aquele lugar pertencia também a quem vivia humildemente do seu trabalho.



Val Costa - texto e fotos
Pesquisador do IHBAJA
e professor de
História e Geografia

Argentinos X Ingleses



GOOGLE EARTH. Delimitação do atual bairro Argentino. 2024. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Argentino,+Rio+de+Janeiro+-+RJ/@-22.8343456,-43.30743385,11.86863051a,364.31996266d,35y,0h,0t,0r/data=CiwiIlgokCTGUj0GL0zbAETKPOzq-01jbAGU9oRhyKpEXAlaXewc1lqEXAQgIIAUICCABKDQj8BEAA>. Acesso em: 15 de agosto de 2026.

desejavam desvincular o local do estigma de violência que vigora em grande parte da Zona Norte carioca.

Uma outra localidade, também situada na Zona Norte, busca se separar dos bairros de Maria da Graça e de Del Casti-

lho. Próxima à antiga Companhia de Tecidos Nova América (atual Shopping Nova América), ela serviu de moradia, no início do século XX, para diversos engenheiros, técnicos e operários do Reino Unido que trabalharam na fábrica. O objetivo desse movimento é proteger o traçado urbano original do antigo 'Bairro-Jardim Maria da Graça', inspirado no conceito britânico de cidade-jardim (garden city), com ruas arborizadas, calçadas largas e diversidade na arquitetura. Em 30 de junho deste ano, a Câmara Municipal aprovou a criação do Bairro dos Ingleses.

Por fim, dentro da Baixada de Jacarepaguá, também existe uma proposta de criação de um novo bairro. Em maio de 2026, o vereador Marcelo Diniz apresentou o Projeto de Lei Complementar nº 120/2026, que propõe criar o bairro de Rio das Pedras a partir do desmembramento de áreas de Jacarepaguá e Itanhangá, na Zona Sudoeste da capital fluminense.

Prezado leitor, o título desta coluna parece abordar algum confronto entre as seleções da Inglaterra e da Argentina, como aquele que aconteceu na Copa do Mundo de Futebol Masculino deste ano e terminou com a vitória dos *nuestros hermanos* por 2 X 1. Entretanto, estas linhas versam sobre as novas subdivisões da cidade do Rio de Janeiro: o bairro dos Ingleses e o bairro Argentino.

Em 20 de maio de 2025, o então prefeito Eduardo Paes sancionou a Lei Municipal nº 8.909, que dividiu o bairro de Brás de Pina e estabeleceu que as áreas das ruas Alcides Rosa, Cabo Herculano, Emílio Miranda e Cabo Rocha integrariam uma nova localidade chamada bairro Argentino. Essa iniciativa põe fim a uma longa mobilização dos moradores locais que